



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

GESTÃO ESCOLAR: A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Teresinha Salete Sperry

Constantina, RS, Brasil

2011

GESTÃO ESCOLAR: A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

por

Teresinha Salete Sperry

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientador: Prof. Leonardo Germano Krüger

Constantina, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

GESTÃO ESCOLAR: A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

elaborada por
Teresinha Salete Sperry

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Leonardo Germano Krüger, Ms. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Ana Paula da Rosa Cristino, Ms. (UFSM)

Elaine Maria Dias de Oliveira, Ms. (UFSM)

Constantina, 17 de setembro de 2011.

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho aos profissionais da Educação que tem por ideal a construção de uma sociedade igualitária, justa e fraterna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela iluminação divina, pela minha vida e de minha família, agradeço a Universidade de Santa Maria, através do pólo de Constantina - UAB- pela oportunidade oferecida para o meu crescimento intelectual, agradeço ainda, ao professor orientador: Leonardo Krüger pela paciência e orientação.

Muito Obrigada!

É no problema da educação que assenta
o grande segredo do aperfeiçoamento
da humanidade.

Immanuel Kant

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

GESTÃO ESCOLAR: A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

AUTORA: TERESINHA SALETE SPERRY

ORIENTADOR: LEONARDO GERMANO KRÜGER

Data e Local da Defesa: Constantina/RS, 17 de setembro de 2011.

O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa elaborada nas escolas do município de Nonoai/RS, intitulada “Gestão Escolar: A indisciplina em sala de aula”, que objetivou de verificar a opinião de diretores, professores, alunos e pais sobre a indisciplina em sala de aula. Entre esses, utilizou-se questionário e entrevista aos 153 participantes da pesquisa (55 da rede de ensino municipal, 50 da estadual e 48 da particular). Foi realizada uma análise qualitativa das informações coletadas. Constatou-se que os fatores principais da indisciplina são a falta de limites que começa nas famílias, o descumprimento das normas escolares e o sistema curricular que não agrada os estudantes. Ao relacionar as três redes de ensino, os problemas se assemelham com incidência na permissividade dos pais como o possível causador da indisciplina. A sugestão para a minimização da indisciplina é a participação mais efetiva das famílias na escola, o cumprimento das normas por parte de alunos e professores e adequação do currículo diante de cada realidade.

Palavras-chave: Gestão escolar. Indisciplina. Professores. Pais. Alunos.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

GESTÃO ESCOLAR: A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA (SCHOOL MANAGEMENT: THE INDISCIPLINE IN THE CLASSROOM)

AUTORA: TERESINHA SALETE SPERRY

ORIENTADOR: LEONARDO GERMANO KRÜGER

Data e Local da Defesa: Constantina/RS, 17 de setembro de 2011.

This paper presents the results of research carried out in schools in the district of Nonoai/RS, entitled "School Management: The indiscipline in the classroom", which aimed to ascertain the views of principals, teachers, students and parents about classroom indiscipline class. Among these, we used questionnaires and interviews of 153 study participants (55 local school system, 50 of the 48 state and private). We performed a qualitative analysis of information collected. It was found that the main factors are the lack of discipline boundaries that begins in the family, the breach of school rules and curriculum system that does not please the students. By linking the three school systems, the problems are similar, focusing on parental permissiveness as the possible cause of indiscipline. The suggestion for minimizing the indiscipline is a more effective participation of families in school, the compliance by both students and teachers on the curriculum and appropriateness of each reality.

Key-words: School management. Indiscipline. Teachers. Parents. Students.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Roteiro respondido pelos Diretores e Professores.....	45
APÊNCIDE 2 – Roteiro respondido pelos Alunos	46
APÊNCIDE 3 – Roteiro respondido pelos Pais	47
APÊNCIDE 4 – Termo de Concessão.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – GESTÃO ESCOLAR	14
CAPÍTULO 2 – A INDISCIPLINA NA ESCOLA.....	18
2.1 Qual a finalidade das escolas?.....	19
2.2 Focos da indisciplina	20
2.3 Indisciplina e violência.....	23
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DA PESQUISA	25
3.1 Caracterização do município de Nonoai (RS)	25
3.2 Participantes da pesquisa	26
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	29
4.1 A opinião dos participantes da pesquisa	30
4.2 Causas e conseqüências da indisciplina em sala de aula.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES	44

INTRODUÇÃO

A educação, segundo a professora Ana Lourdes Araújo de Souza, (2009) em um sentido mais amplo, não deixa dúvida da sua função social, sendo um fator decisivo da hominização e, em especial, da humanização do homem.

O relatório da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura) Educação: Um tesouro a descobrir (DELORS, 1999), mostra que a Educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar conhecimento da semelhança e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta.

Nesse contexto o Banco Mundial, principal organismo de financiamento da Educação na América Latina, compreende o papel da escola de formar e preparar os indivíduos para o trabalho, assegurando condições para o desenvolvimento econômico. Conforme esclarece Torres (1996) trata-se de uma proposta formulada por economistas a ser executada por educadores, operando na lógica da relação custo-benefício e da taxa de retorno.

Rios (2003, p. 24), afirma que “o ofício de ensinar deve ser um espaço de entrecruzamento de bem e beleza”. De acordo com a LDB/96 (Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional) a escola é um lugar de formar o cidadão competente através dos componentes pedagógicos, por exemplo. É uma instituição extremamente complexa, especialmente na formação de valores e de hábitos.

A escola é um lugar de contradições, lutas de classes, portanto, também luta para que o esmagamento social não continue fatalmente em um igual esmagamento escolar - e o que quero dizer é a participação da alegria na luta de classes na escola (SNYDERS, 1998, p.198).

Além disso, Snyders (1993, p.193) afirma que: “para que os alunos possam extrair a alegria de uma matéria ensinada, é preciso que, de uma maneira ou de outra, eles se reconheçam nela”. Ainda, Snyders (1988, p.211) afirma que “gostaria de captar para a escola uma parte do imenso entusiasmo que os concertos pop, os espetáculos esportivos provocam”.

De acordo com Freitag (1980, p.32), a escola, em uma visão tradicional, tem sua função na inserção do indivíduo no mundo social com ensinamentos voltados na promoção de ritos que submetem o indivíduo “a provas que servem de seleção para

a vida social, que estabelecem discriminações entre elas, pois só as que adquirem as competências estabelecidas pela sociedade são aceitas”.

Snyders (1993) observa, ainda, que a escola é um lugar para cultivar a alegria, ligado ao campo específico da cultura e do conhecimento. Acredita que é possível transformar esse espaço, esse tempo tão precioso, em algo agradável que dê satisfação, que tenha um sentido e um significado.

De acordo com Antunes (2002), a função social da educação é um fator decisivo na vida da humanidade. O viver e o conviver elaboraram, ao longo do tempo, instrumentos, costumes, normas, códigos de comunicação e convivência como mecanismos imprescindíveis para a sobrevivência. Tais mecanismos não se fixam biologicamente, nem se transmitem através da herança genética, mas elaboram pressupostos culturais que sustentam a diversidade, respeitando as individualidades de maneira que garanta a sobrevivência das gerações. Em tempos remotos, os grupos humanos usavam de muitos processos externos para garantir a sobrevivência das novas gerações e de suas conquistas sociais. Praticamente esse era o processo de educação que, atualmente, não se pode considerá-lo como um processo linear, mas sim, um processo complexo multimedido, marcado por profundas contradições e permanente formação de cada indivíduo, na relação entre eles próprios e a natureza.

Para Antunes (2002), ainda, a escola tem mais funções do que parece. Um dos desafios é lidar com os problemas sociais e familiares que se transferem para ela. Por um lado, a escola faz suas cobranças e de outro, as famílias apresentam dificuldades em estabelecer limites para com filhos. Parece que um conflito foi estabelecido. O ambiente escolar torna-se palco de contestações pelos pais ao cobrar determinada postura da escola, que eles próprios não têm com os filhos.

No município de Nonoai, (RS), existem três redes de ensino: pública municipal, pública estadual e particular. O que se diferencia nas redes é a constituição dos grupos familiares. Na rede municipal, os alunos da zona urbana são especificamente oriundos de duas grandes comunidades carentes, com problemas sociais relevantes. Na rede estadual há uma migração de alunos vindos dos quatro cantos da cidade, de todas as classes sociais e alunos oriundos da zona rural, através do transporte escolar. Na rede particular os alunos são, na maioria, da zona urbana de pais com poder aquisitivo maior, que podem pagar escola.

Na atualidade, as escolas vivenciam a necessidade de intervenções que possam ser resolutivas diante das questões da indisciplina em sala de aula. Esse comportamento dos alunos vem sendo motivo de muitos questionamentos e da desistência de alguns profissionais da Educação. Esse fato reflete diretamente na aprendizagem e na baixa-estima do professor que diz persistir em um trabalho do qual não vê resultados e, conseqüentemente desiste.

Neste sentido, essa pesquisa está inserida na temática da gestão escolar, especificamente entre a relação que envolve o trabalho pedagógico dos gestores em sala de aula e a questão da indisciplina. Assim, apresenta-se a questão norteadora dessa pesquisa: *como os gestores, professores, pais e alunos de escolas das redes de ensino municipal, estadual e particular de Nonoai (RS) percebem a indisciplina em sala de aula?*

Para tanto, os objetivos são:

Objetivo Geral:

Constatar como a Gestão Escolar das redes de ensino do município de Nonoai (RS) percebe a indisciplina em sala de aula.

Objetivos Específicos:

- Identificar a concepção dos participantes da pesquisa sobre o tema indisciplina.
- Identificar a concepção dos participantes da pesquisa sobre as causas e conseqüências da indisciplina em sala de aula.
- Identificar as sugestões dos participantes da pesquisa para amenizar as causas e conseqüências da indisciplina em sala de aula.

Segundo La Taille (2002), o tema indisciplina é delicado e até perigoso por três razões pelo menos. A primeira pode-se cair no moralismo ingênuo de descrever o real, tratar de normatizá-lo e atribuir conceitos equivocados de indisciplina. A Segunda pela abstração de características sociais, culturais e históricas, reduzindo o fenômeno estudado ao jogo de mecanismos mentais isolados do contexto em que estão. Terceira é a complexidade e até a ambigüidade do tema, pois o que é

indisciplina para uns pode não ser para outros, dependendo, sim dos aspectos culturais e sociais do meio.

Assim, a importância dessa pesquisa será, fundamentalmente, o conhecimento de um trabalho local, no município de Nonoai (RS), com escolas de alta vulnerabilidade social, que será associado às comunidades escolares com clientela diferenciada e servirá de comparativo entre elas para verificação se os ambientes influenciam ou não os comportamentos, indiferentemente da classe social, podendo assim, elaborar proposta de soluções que venham melhorar a vivência e convivência escolar do município.

CAPÍTULO 1 – GESTÃO ESCOLAR

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL 1988) institucionaliza a instauração de um regime Democrático no Brasil introduz avanços significativos no fortalecimento legislativo das garantias e nos direitos fundamentais, especialmente os que tangem aos direitos e deveres do cidadão, que até hoje são questionados, especialmente pela discriminação desenfreada de raça, cor, e opção sexual. A cidadania e a dignidade da pessoa são os fundamentos que alicerçam o Estado Democrático de Direito Brasileiro. Os direitos fundamentais são elementos básicos para a realização do princípio democrático, pelo fato de exercerem a função democratizadora.

Anísio Teixeira, afirma que não existe democracia sem a democratização da escola. “Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a escola pública”.

Segundo Boaventura de Souza Santos (2002), perdeu-se a noção de viver bem na integralidade, luta-se por direitos, mas estes, nem sempre são a opção que se quer, pois tudo tem princípio, meio e fim. O papel da escola no processo de formação de democracia foi e é determinante, pois é na escola que se formam os valores éticos e morais, permitindo liberdade de agir, mas ensinando responsabilidades através de regras comportamentais, éticas e morais.

São dois momentos contratantes na nossa história. Benno Sander (2005, p.93) identifica esses momentos como “o encontro entre o mundo dos donos da casa e o mundo dos visitantes. O mundo dos povos nativos e o mundo dos povos latinos. O mundo dos conquistados e o mundo dos conquistadores”. O mesmo autor ainda visualiza o primeiro momento de nossa história como resultado de um processo que é ao mesmo tempo, civilizador, colonizador e globalizador. O processo citado é resultado da necessidade de expansão da propriedade e do comércio, do poder e expansão da fé. Isso significa conquista econômica, política e cultural que envolve a educação. Essa conquista cultural de natureza latina, leva ao sugestivo conceito de globalização, desenvolvido pelo filósofo Jaques Derrida.

Essa globalização, segundo Sander (2005), processou-se mais intensamente no campo da educação através do transplante dos conhecimentos, dos valores e práticas sociais e educacionais da Europa para o Brasil. Efetuada,

mediante uma política de educação pública confessional, delegada inicialmente, aos missionários da Companhia de Jesus, transmissores naturais da cultura latina.

De acordo com Romanelli (1990), no século XVIII, o sentimento de progresso industrial contagiava todos os reinos da Europa. Portugal, por sua vez, em declínio político e econômico, tenta reorganizar, administrativa e economicamente, seu sistema social. O encarregado para realizar tal mudança é o Primeiro Ministro Marquês de Pombal que, temendo o poder e a influência que a Companhia de Jesus vinha exercendo sobre a colônia, em 1759, decide expulsar os jesuítas do Reino e de seus domínios. É o início da Educação Pública no Brasil. O resultado da política imigratória adotada no Império, os imigrantes alemães, italianos, suíços e poloneses, que se estabeleceram no sul do Brasil no século XIX, trouxeram novas práticas educacionais, baseadas nas tradições pedagógicas de seus países de origem, cuja influência se reflete até hoje na educação da população.

A influência do positivismo na educação, segundo Sander (2005), revela-se na adoção de poderosos instrumentos de controle central e de uniformização do ensino, apesar do federalismo formal e da descentralização proclamada da administração pública. O autoritarismo centralizador da administração pública se repetiria na administração escolar. Ainda no âmbito da escola, o positivismo se manifestou na concepção de um conteúdo universalista, transmitido por um currículo enciclopédico, na adoção da metodologia empírica e quantitativa e nas práticas prescritivas de organização e funcionamento das instituições de ensino.

Constata-se a evolução da Educação ao longo dos anos e, especialmente a questão da democratização da Educação brasileira que, ainda está em vias de concretização, apesar de inúmeras ações por parte de organizações e ações governamentais para que este assunto se implante definitivamente.

Nesse contexto, ainda, Romanelli (1990), acrescenta que o processo inicial de tomada de consciência político-democrática deflagra-se, oficialmente, entre 1920 e 1930, com a luta reivindicatória em defesa do voto livre e secreto posteriormente conquistado, que leva a uma nova organização social. Essa situação acaba por organizar ou, até mesmo, ofuscar momentaneamente os condicionantes da sociedade dualista brasileira. Porém, nesse período marcado por inquietudes políticas e econômicas e salvaguardado por dirigentes extremamente negadores do processo democrático, eclode a Revolução de 30, anulando todas as tentativas populares democráticas, valendo-se de atitudes reacionárias na luta contra o

comunismo. O desmantelamento das reivindicações populares dá lugar às exigências pessoais e à educação. Apesar da relativa expansão da revolução, ela se torna instrumento de exploração e interesse entre facções revolucionárias, anulando as possibilidades sociais, humanas e científicas, que oscilam através da conciliação das forças ora divergentes, ora favoráveis às facções conservadoras.

Na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL 1988), a Gestão Democrática é assegurada nos seguintes artigos:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será removida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento a pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V - valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado o regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União; VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

Na LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) a Gestão Democrática é assegurada artigo Art. 14, com a seguinte redação: os sistemas de ensino definirão as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades conforme os seguintes princípios: I – participação dos profissionais da educação na elaboração no Projeto Pedagógico da Escola. II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL 1996).

Nesse sentido, Oliveira e Libâneo (1998, p.606) afirmam que:

As transformações gerais da sociedade atual apontam a inevitabilidade de compreender o país no contexto da globalização, da revolução tecnológica e da ideologia do livre mercado. É importante salientar que não as concebemos (globalização e neoliberalismo) como fatos isolados; pelo contrário, entendemos que estão profundamente ligados um ao outro. A exposição está dividida em dois momentos no intuito de facilitar a leitura e a compreensão do texto. (neoliberalismo). A globalização é uma tendência internacional do capitalismo que, juntamente com o projeto neoliberal, impõe aos países periféricos a economia de mercado global sem restrições, a competição ilimitada e a minimização do Estado na área econômica e social.

Nesse sentido, o Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares, do Ministério da Educação, entende que para que a participação cidadã na escola seja realidade, são necessários meios e condições favoráveis, por isso, se faz necessário repensar a cultura escolar e os processos, normalmente autoritários de distribuição de poder no seu interior. Dentre os meios e as condições destacam-se, ainda, a importância de se garantir: infra-estrutura adequada, quadro de pessoal qualificado, apoio estudantil. Importante, também, é entender a participação como processo a ser construído coletivamente, sendo fundamental ressaltar que a participação não se decreta, não se impõe e, portanto, não se pode ser entendida apenas como mecanismo formal (BRASIL, 2004).

O Relatório Delors (1999, p.163) afirma que:

Um dos principais fatores de eficácia escolas reside nos órgãos diretivos dos estabelecimentos de ensino. Um bom administrador capaz de organizar um trabalho de equipe eficaz e tido como competente e aberto consegue, muitas vezes, introduzir no seu estabelecimento de ensino grandes melhorias. É preciso pois, que fazer com que a direção das escolas seja confiada a profissionais qualificados, portadores de formação específica, sobretudo em matéria de gestão.

Assim, a Gestão Escolar, para que se efficientize precisa permitir o acesso de todos os segmentos no contexto de sua atuação para que a dimensão e o enfoque que objetiva promover a organização de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais dos estabelecimentos de ensino para a promoção efetiva da aprendizagem, pelos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar os desafios da sociedade globalizada e da economia centrada no conhecimento.

CAPÍTULO 2 – A INDISCIPLINA NA ESCOLA

A questão da disciplina e da indisciplina, segundo Antunes (2002), é um dos temas mais discutidos e preocupantes da educação brasileira na atualidade, sendo que a questão não se limita numa faixa de idade, está presente na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio e incontestavelmente na educação superior, é evidente, que a indisciplina se manifesta de maneira diferente estando presente em todos os estados, no ensino particular e no público, sendo que esta situação conduz aos professores não saberem como agir, se é a repreensão ou a tolerância o melhor caminho. Incontestável é permitir que a permissividade comprometa o desempenho das atividades e conteúdos.

Antunes (2002), afirma ainda, que comportamentos originados da indisciplina vão contra as regras estabelecidas e são disruptivos, presumindo uma disfunção da escola. Dessa forma, cabe buscar saber se os professores e a escola, como um todo, estão conseguindo firmar as regras mínimas de convivência humana, as quais não devem ser impostas, mas desenvolvidas a partir do domínio afetivo, de maneira que todos experienciem situações que promovam liberdade com responsabilidade e o respeito mútuo.

Silva (2003), ao definir indisciplina escolar, afirma que todas as vezes que um aluno desrespeita as regras da instituição é considerado indisciplinado. Ainda para este autor, a violência é considerada também uma forma de indisciplina, a mais preocupante na atualidade.

Para Aquino (1996), a indisciplina seria o inimigo número um do educador atual porque ultrapassa o âmbito didático-pedagógico e o problema passou a configurar de maneira interdisciplinar e transversal. Isso represente que as correções disciplinares se fazem necessárias, principalmente pela ordenação do corpo e da fala, porém não se quer o saudosismo de outrora com alunos sentados em fila, completamente esquadrihados.

A escola do passado, a base de castigos e ameaças, ainda é almejada por muitos educadores. Sobre esse fato, Aquino (1996) relata que guardamos uma herança pedagógica alheia aos nossos dias. Salvo raras exceções, os parâmetros que regem a escolarização ainda são regidos por um sujeito abstrato, idealizado e desenraizado dos condicionantes sócio-históricos. As próprias teorias psicológicas e suas derivações pedagógicas, em geral, sacralizam a naturalidade com o que este

sujeito universal é pensado. Sempre como se todos fossem iguais em essência e em possibilidades.

Intercambia-se, assim, o caráter essencialmente exegético do ato de pensar por uma suposta ascese do ato de conhecer. Em certo sentido a escola imaginada por seus protagonistas e seus teóricos teria como finalidade última a edificação de uma espécie de assepsia mora que, por sua vez, capacitasse o sujeito para o conhecimento, para a profissão e para a vida, o que afirmamos ser inverossímil, e, portanto, insustentável (AQUINO, 1995, p.258).

Segundo a professora Ana Lourdes Araújo de Souza, pedagoga e especialista em Gestão Escolar, a indisciplina é um dos temas que mais movimentam os gestores, professores, técnicos, pais e alunos de todas as escolas brasileiras, salientando, a professora, que apesar de ser um tema de muita inquietação no meio educacional não é discutido ou encarado de maneira eficiente, pois há uma falta de consenso a respeito do assunto e um discurso saturado por preconceitos e costumes referendados pela sabedoria popular.

De acordo com Leuch (2004), o desafio que se faz presente é que a educação seja capaz de abranger o aluno por inteiro e que as regras não sejam disciplinadoras e domesticadoras, mas que possam trazer o encantamento da harmonia e equilíbrio, realizando uma renúncia quanto ao sonho de totalização e homogeneização do lugar. A partir desse entendimento é possível utilizar a diversidade para um trabalho eficaz em sala de aula.

Aquino (1998, p.3-4) ressalta que uma primeira hipótese de explicação da indisciplina seria a de que "o aluno de hoje em dia é menos respeitador do que o aluno de antes, e que, na verdade, a escola atual teria se tornado muito permissiva, em comparação ao rigor e à qualidade daquela educação de antigamente".

De qualquer maneira, pode-se refletir sobre a finalidade das escolas, os focos da indisciplina, disciplina e violência.

2.1 Qual a finalidade das escolas?

Celso Antunes (2002) afirma que as escolas existem por três razões:

A primeira razão: é um centro socializador, ambiente onde existem relações propícias ao crescimento da solidariedade. Escola é um lugar onde se aprende a fazer amigos, se aprende a conversar, interagir, a identificar a interpessoalidade e a

praticar a intrapessoalidade. Portanto, é inegável que tem fortemente um papel socializador e se este papel está obscurecido pela indisciplina, pela ação desregrada da conduta pode-se sentir os primeiros indícios da indisciplina.

A segunda razão: é por essência, um centro epistemológico, onde o aluno aprende a aprender, a pensar, a pesquisar, a conhecer os limites de sua capacidade, sendo assim, ela tem o papel epistemológico, se este papel está sendo perturbado, aí devemos pensar em indisciplina.

A terceira razão: é um centro profissional, ambiente onde se aprende a trabalhar, sem necessidade de ser escola técnica, é um lugar onde se busca construir projetos e definir caminhos, na solidariedade coletiva que inspira o verdadeiro sentimento de trabalho como forma de realização.

Nesse contexto, Cambi (1999) afirma que a escola é um fruto de um ato civilizatório. Foi durante o Império de Carlos Magno (século VIII) que ela foi criada como instituição pela civilização ocidental com a finalidade de garantir a formação de gerações novas, possibilitando que as gerações passantes venham a disponibilizar seu saber.

Lopes (2006), Especialista em Educação Especial e Doutora em Educação, afirma que a escola, através de seus mecanismos de nomeação, de ordem, foi constituída historicamente como lugar de alguns poucos que conseguem corresponder às expectativas reservadas para aqueles que por ela passam. Inclusão escolar é uma das grandes invenções do nosso tempo, articulada na Modernidade e carrega consigo o desejo da demarcação territorial e relacional da diferença.

Assim constata-se que a finalidade das escolas é muito mais ampla do que se parece, não se resume na transmissão teorias e conhecimentos, mas sim num contexto generalizado de ações, vivências e situações que inicia na família e se complementa na escola.

2.2 Focos da Indisciplina

A indisciplina tem vários focos. Antunes (2002) desataca: a família, o professor e o aluno. Pensar a família como foco é pensar nos pais que não conseguem impor limites para seus filhos, é pensar em todas as dificuldades que os mesmos enfrentam diariamente para conter os conflitos dentro de casa, muitos

porque não passam muito tempo com os filhos, por trabalharem fora, preferem não discutir deixando se levar pela vontade dos filhos. Outros por não acompanharem o ritmo impresso pelos meios de comunicação e pela tecnologia, não conseguem determinar quais regras devem ser cumpridas no meio familiar.

Antunes (2002), afirma que o foco-família é o mais difícil de ser encontrado porque na elaboração de regras não é possível fazê-las de maneiras diferentes, em dois ambientes: em casa e na escola. Os ideais da educação não são segmentados em dois espaços porque a educação é via única e precisa estar integrada na consecução dos seus objetivos, por isso a família deve estar integrada à escola e participar das decisões, discussões e acompanhamento de todas as atividades que envolvem a vida de seus filhos.

Pensar o professor como foco para Antunes (2002), é pensar no profissional que ao dar suas aulas não acompanha as necessidades individuais e coletivas dos alunos, que não consegue viver na singularidade e no respeito às individualidades e às limitações que cada ser apresenta dentro do coletivo. É pensar, ainda, naquele profissional que parou no tempo e não acompanhou os avanços tecnológicos ficando atrás dos alunos em assuntos atuais e novidades do mundo moderno fazendo de suas aulas meras repetições de livros didáticos ultrapassados. É pensar, também, no profissional que não cumpre as regras escolares como: pontualidade, respeito e responsabilidade.

Saímos da faculdade atualizados no domínio dos conhecimentos de cada área. Tentamos ser bons docentes. Aos poucos vamos descobrindo que nossa docência está condicionada pelas estruturas e processos em que ela acontece (ARROYO, 2001, p.110).

Freire e Shor (1987) destacam que a Universidade tende a desenvolver seus cursos e formar distante da realidade. Os conceitos e teorias estudados, muitas vezes, estão afastados do concreto da prática pedagógica.

É questionável o saber-fazer que os professores mobilizam, diariamente, nas escolas, a fim de realizar concretamente suas tarefas. Tardif (2003, p. 11), afirma que “o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer”. Então o saber do professor está relacionado com sua pessoa e sua identidade, com sua experiência de vida e com sua história profissional. Aponta Tardif (2003), que o educador deve empenhar e investir no

trabalho o que ele é como pessoa. E, como enfatiza Arroyo (2001, p.170) “a docência só é suportável, reinventada, a cada dia, como vida”.

Com este pensamento, o educador Freire (1993) afirma a necessidade da alegria no ensinar:

Se o tempo na escola é um tempo de enfado em que educador e educadora e educandos vivem os segundos, os minutos, os quartos de hora à espera de que a monotonia termine a fim de que partam risonhos para a vida lá fora, a tristeza da escola termina por deteriorar a *alegria de viver*, é necessária ainda porque viver plenamente a alegria na escola significa mudá-la, significa lutar para incrementar melhor, aprofundar a mudança. Para tentar essa reviravolta indispensável é preciso deixar bem longe de nós a distorção mecanicista; é necessário encarnar um pensar dinâmico, dialético. O tempo que levamos dizendo que para haver alegria na escola é preciso primeiro mudar radicalmente o mundo é o tempo que perdemos para começar a inventar e a viver a alegria. Além do mais, lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança no mundo.

Pensar o aluno como foco é pensar em toda a complexidade que envolve a particularidade de cada educando a começar pela família, passando pelo contexto social até sua chegada à escola. Ninguém nasce pronto. Há um percurso que só a educação conduz, por isso, para o aluno-foco as regras e os limites não lhes interessam.

Segundo Assman (2000), a educação confronta-se com a apaixonante tarefa de formar seres humanos, para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social. O ambiente pedagógico deve ser um lugar da fascinação e inventividade.

Para Narodowski (1993, p.20), a infância é uma confrontação da Pedagogia moderna: “a Pedagogia elabora uma análise da infância em situação escolar”. Assim, para ele é a Pedagogia quem diz quem é o aluno e como ele é.

Para Narodowski e Van Der Horse (1999), a escola, hoje, parece operar entre os escombros da velha escola moderna. A atual escola pós-moderna está centrada no aluno ou aluna, e a infância e a juventude já não são espaços de disciplinamento, pois a cultura ocidental supervaloriza a infância por sua capacidade de adaptar-se. Colocam, também, que a escola atual está cada vez mais respaldada por uma Pedagogia do diverso. Seu norte não é a homogeneidade, mas a heterogeneidade. A disciplina escolar já não segrega, mas busca uma forma de integrar; já não impõem, mas pergunta, consulta e ajuda.

Nesse sentido Snyders (1993) afirma que a escola é um lugar de cultivar a alegria, ligada ao campo específico da cultura e do conhecimento. Acredita que é

possível transformar esse espaço, esse tempo tão precioso em algo agradável, que dê satisfação, que tenha um sentido e um significado.

Os focos da indisciplina, indiscutivelmente, estão constatados em várias situações, não se resume a uma particularidade, mas ao contexto de cada situação, de cada momento específico associado a outros contextos que podem iniciar na família e chegar até a escola.

2.3 Indisciplina e Violência

Segundo Antunes (2002) o tema indisciplina em sala de aula, tem sido, muitas vezes, confundido com violência, é sabido os acontecimentos de professores agredidos, diretores assassinados, mas é importante saber diferenciar os termos. Violência é de natureza policial e se ele está presente no bar, no cinema, na igreja ou na escola, obviamente a responsabilidade é da polícia ou pelo menos os órgãos de uma natureza mais criminal. É evidente que se observe a questão da indisciplina, porque se é de violência que se quer falar, obviamente se transpõem o próprio espaço da escola e se requer a intervenção das autoridades que estão habilitadas e preparadas para enfrentar a violência.

Chauí (1985) entende violência como uma realização determinada de forças, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomar a violência como violação e transgressão de normas, regras e leis, prefere considerá-la sob dois outros ângulos: em primeiro lugar, como conversão de uma diferença de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão, isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa, esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas há violência.

No livro *Violência nas Escolas*, Abramovay e Rúa (2003) apresentam um mapeamento do fenômeno da violência escolar em treze capitais brasileiras, conceituando violência de forma bastante abrangente. Citam, por exemplo, aquela violência que é praticada contra a pessoa, incluindo as questões de gênero e raça.

La Taille (2002) conceitua disciplina como sinônimo de moral, sendo esta o respeito pelas leis que são consideradas obrigatórias. Assim, se disciplina significa respeito às leis, pode-se concluir que indisciplina, corresponde justamente o contrário: desrespeito às leis, normas ou regras estabelecidas. Esta definição de indisciplina está em conformidade com grande parte daquilo que pensam a maioria dos professores.

Atualmente é possível encontrarmos um aumento no número de pesquisas sobre o fenômeno da violência. Contudo, Sposito (2002) afirma que mesmo após o advento da democratização do país, quando o tema alcançou o debate público, a quantidade de produção científica ainda é incipiente e apenas nos últimos anos é que ela tem sido fomentada, sobretudo nas instituições de ensino superior e em algumas organizações não governamentais.

Recentemente, a Rede Globo divulgou o barbarismo numa escola municipal do Rio de Janeiro, onde um ex-aluno entra na escola matando a sangue frio dezenas de estudantes, deixando outros tantos feridos, entre os motivos: o de que ele sofria de bullying quando estudava na escola, motivo que não justifica a barbárie, mas serve de atenção para que os gestores trabalhem este assunto e encaminhem aos atendimentos especializados toda e qualquer atitude estranha dos alunos. Vê-se constantemente, ainda, na imprensa falada e escrita, situações de agressões por parte de alunos para professores e vice-versa, sinal de que se vive em tempos conturbados e que as regras das escolas devem ser consensualizadas com os alunos, professores e comunidade escolar com o apoio das famílias nos assuntos acordados com cobrança permanente das infrações cometidas.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Caracterização do município de Nonoai (RS)

Nonoai, município localizado ao norte do estado do Rio Grande do Sul, limitando-se ao norte com o Estado de Santa Catarina numa distância de 14 Km da divisa, ligada pela RS 406. Está a 416 Km da capital do estado, Porto Alegre, possui uma população de 12.074 habitantes, entre as quais cerca de 1.500 são indígenas.

Nonoai conta com 52 anos de emancipação político-administrativa, sua posição astronômica é de 27°20'3" de latitude ocidental do meridiano do Rio de Janeiro, numa altitude de 600 metros acima do nível do mar. Limita-se ao norte com Santa Catarina, pelo Rio Uruguai, ao sul com os municípios de Trindade do Sul e Gramado dos Loureiros, ao Leste com o município de Faxinalzinho e Erval Grande, ao Oeste com os municípios de Rio dos Índios e Planalto.

A área total do município é de 470.350 Km², compreendendo serras, áreas de campo, áreas de diversas culturas com inclinações. O município conta com a Reserva Indígena em uma área de 12.000 hectares e o Parque Florestal que ocupa uma área de 10.000 hectares, possuindo grande importância ecológica por conservar o encontro da floresta subtropical latifoliada e a floresta ombrófila mista, que apresenta extraordinária riqueza faunista como bugio, capivaras, antas, jaguatiricas, veados e uma infinidade de pássaros, matas nativas como pinheiro araucária, cedro, louro, angico, cangerana e outras.

Nonoai é privilegiado pelas lindas quedas d'água que a natureza lhe propiciou, sendo que a Cascata das Andorinhas está localizada no perímetro urbano a cerca de 600 metros do centro da cidade. Possui, ainda, turismo religioso com a presença das relíquias dos Beatos Manuel e Adílio, no Santuário Nossa Senhora da Luz, beatificados em 2007, com Romaria no terceiro domingo do mês de maio, agregando em torno de sessenta mil pessoas a cada ano e peregrinação todos os dias com visitas de fiéis de todos os lugares do Brasil.

Nonoai conta com uma população estudantil estimada em 3.000 alunos das redes municipal, estadual e particular e cerca de 200 professores, na maioria com pós-graduação. Possui cinco escolas estaduais, entre elas uma urbana, duas rurais e duas indígenas; uma escola particular na zona urbana; e cinco municipais, sendo

duas na zona urbana (uma de ensino fundamental e outra de educação infantil) e três na zona rural.

3.2 Participantes da pesquisa

Neste contexto realizou-se a pesquisa de análise qualitativa, com a participação da Direção das escolas, Professores, Pais, Alunos e Psicóloga em três escolas da zona urbana do município de Nonoai: uma particular, uma estadual e uma municipal, todas de Ensino Fundamental, através dos instrumentos de pesquisa: questionários, entrevistas, observação em Conselho de Classe, Reuniões de Professores, e inserção na comunidade escolar (QUADRO 1).

REDE DE ENSINO	PAIS	ALUNOS	DIRETORES	PROFESSORES	TOTAL
MUNICIPAL	9	8 – 5º ano 7 – 6º ano 9 – 7º ano 9 – 8º ano 7 – 9º ano	1	5	55
ESTADUAL	8	7 – 5º ano 6 – 6º ano 8 – 7º ano 8 – 8º ano 7 – 9º ano	1	5	50
PARTICULAR	8	7 – 5º ano 7 – 6º ano 8 – 7º ano 8 – 8º ano 6 – 9º ano	1	3	48
TOTAL	25	112	3	13	153

Quadro 1: Participantes da pesquisa

Partiu-se do pressuposto de que os instrumentos utilizados são técnicas em que o pesquisador escolhe com o objetivo de coletar informações pertinentes ao trabalho de campo (GIL, 2006).

Erickson (1986, p.30) defende que a análise qualitativa transite, de forma densa e profunda entre os detalhes sutis e o contexto mais amplo:

A busca não é por universais abstratos derivados de generalizações estatísticas de uma amostra de uma população, senão por universais concretos, derivados do estudo em grande detalhe de um caso específico e depois comparado com outros casos igualmente estudados com grande detalhe.

Assim, todas as informações coletadas pelos instrumentos de pesquisa foram organizadas como um todo. Em seguida, foi dividido o todo em partes para, a partir daí, construir uma melhor compreensão do todo (MORAES, 2005).

Os questionários foram distribuídos para os Alunos em sala de aula e recolhidos no dia subsequente da entrega (APÊNDICE 2). Dos alunos que receberam os questionários nem todos entregaram e alguns não responderam, mesmo assim obteve-se retorno satisfatório.

Para os Pais foi feita uma visita em suas residências para explicar o objetivo da pesquisa, observar a realidade familiar e realizar as entrevistas, a qual versou sobre a escola, família e meio social (APÊNDICE 3). As entrevistas e visitas aos pais na rede de ensino municipal foram realizadas no turno da manhã e apesar de ser uma comunidade muito pobre e de alta vulnerabilidade social houve uma boa receptividade e disponibilidade para responder todos os questionamentos. Nas redes de ensino particular e estadual, as entrevistas e visitas foram realizadas no turno da tarde e noite, também com boa receptividade, porém com um preparo melhor por parte dos pais para responder os questionamentos e um conhecimento mais apurado sobre as questões formuladas.

Para os Diretores, antes da entrega dos questionários foi pedido permissão para que a pesquisa se realizasse nas respectivas Escolas, assim como para participar de algumas atividades das Escolas no período da realização do trabalho de campo, que compreendeu entre os dias 4 de abril a 4 de maio de 2011. Para os Professores, os questionários foram entregues por indicação dos Diretores, para aqueles em que as turmas apresentavam maior índice de indisciplina (APÊNDICE 1).

A observação foi realizada em sala de aula, combinada com a direção de cada Escola. O Conselho de Classe foi assistido nas três redes de ensino pesquisadas. Nas Escolas rede de ensino municipal e estadual estiveram presentes Direção, Coordenação Pedagógica, Professores, Pais e Alunos. Na Escola da rede de ensino particular somente Professores, Direção e Coordenação Pedagógica.

Os Professores e Direções colaboraram em todos os sentidos para a realização da pesquisa porque o trabalho foi de interesse das escolas, em ter dados reais sobre questões disciplinares para subsidiar ações preventivas e curativas nas instituições de ensino em que a pesquisa aconteceu.

Para concordar em participar da pesquisa, os Professores e Pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em relação aos Alunos, o Termo foi assinado pelo pai ou responsável (APÊNDICE 4).

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Após a análise de 153 questionários (25 pais, 13 professores, 3 diretores, 22 alunos de 5º ano, 20 alunos de 6º ano, 25 alunos de 7º ano, 25 alunos de 8º ano e 20 alunos de 9º ano) das redes de ensino municipal, estadual e particular da zona urbana de Nonoai (RS), das entrevistas, da observação dos ambientes, visitas domiciliares, participação em Conselho de Classe, comunicação por meio de correio eletrônico com os Professores, constatou-se que o comportamento dos alunos no ambiente escolar, na maioria das vezes, é reflexo das experiências vividas no meio familiar e social. Nas escolas pesquisadas, é comum encontrar alunos problemáticos, filhos de famílias desestruturadas, onde um dos pais é ausente sem dar a importância necessária para a vida escolar dos filhos. Apesar dessa observação, não dá para atribuir esse fator como a única causa do problema, pois cada indivíduo responde a estímulos diferentes de acordo com o meio em que vivem.

Por isso a educação é muito complexa:

A educação formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe e pelo próprio adolescente. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem a correspondência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo quanto à educação da criança. O filho vai tirar lucro da discordância pais/escola da mesma forma que se aproveita quando há divergência entre pai e mãe (TIBA, 1996, p. 165).

De acordo com Freitas (2009), a indisciplina pode surgir como alternativa para o "insucesso" escolar, procurando valorizar a sua relação com os outros. Este fracasso não se refere exclusivamente às notas nas disciplinas, mas também em certos valores que o aluno não vê refletidos nele.

Esta constatação foi visível na pesquisa realizada no município de Nonoai (RS). Na análise dos questionários pode-se observar que há uma dificuldade por parte da Direção e dos Professores em entender a origem do comportamento indisciplinado, o que provoca uma busca constante pela ordem e supressão das ações indisciplinadas. Diante da constatação, nos reunimos com um grupo de Professores dos anos finais do ensino fundamental, onde o foco da indisciplina era maior, propondo espaço para troca de experiências, falas sobre os próprios sentimentos e, conseqüentemente, entendê-los melhor. Aos poucos percebe-se que os Professores passaram a re-olhar-se, propondo novas metodologias de ensino,

assim como sentiram necessidade de trabalhar em equipe, construindo normas em conjunto, inicialmente entre eles próprios e posteriormente para os alunos. O desafio que se faz presente objetiva que a educação seja capaz de abranger o aluno por inteiro e que as regras não sejam disciplinadoras e domesticadoras, mas que possam trazer o encantamento da harmonia e do equilíbrio.

D'antola (1989) diz que muitos teóricos têm afirmado que os problemas de indisciplina afetam a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, o desdobramento do currículo, e podem transtornar nossas melhores visões e práticas educacionais.

Em entrevista com a Psicóloga que atende na Sala de Recursos Multifuncionais de uma Escola Municipal pesquisada, afirmou que é fundamental para o desenvolvimento do trabalho o contato com a família e o meio social onde o aluno está inserido, são peças fundamentais na formação e modelagem da personalidade do indivíduo, podendo interferir positivamente ou negativamente para o comportamento do aluno em sala de aula.

De acordo com Campion (1985), uma aproximação dos sistemas escola e família com o psicólogo pode auxiliar as crianças a superarem as dificuldades de conduta e problemas relacionados com o desenvolvimento da personalidade. Isso só é possível quando esses sistemas trabalham juntos, alicerçados no conhecimento de que a criança está inserida nesses três sistemas.

O trabalho realizado pelos Professores nas escolas municipais de Nonoai (RS), tem como base dois eixos: reconhecer os casos mais graves de indisciplina e identificar o fator causador da mesma, para, a partir daí, desenvolver possíveis soluções. A escola, a partir dos estudos realizados, passou a ações formativas junto aos alunos e familiares; com isso, resultados positivos começaram a aparecer de forma lenta e gradativa, sendo que, os resultados do trabalho foi visível, com mudança significativa de comportamento dos alunos indisciplinados.

4.1 A opinião dos participantes da pesquisa

4.1.1 Diretores e Professores

Constata-se uma unanimidade na concepção dos Diretores e Professores entrevistados sobre os fatores causadores da indisciplina em sala de aula. Afirnam

que a indisciplina provem da situação familiar e do meio em que os alunos vivem. Os profissionais da educação entrevistados entendem indisciplina como quebra de regras, desrespeito e falta de limites, e é apresentada de forma individual, pelos mesmos problemas: bullying, desrespeito e falta de limites.

Afirmam, os profissionais da educação, que a dificuldade encontrada pela escola é o acompanhamento e envolvimento dos pais, que por sua vez, não frequentam reuniões, chamamentos e alguns deles, não sabem nem mesmo a série que os filhos estudam, muito menos conhecem os professores por sua ausência na escola. Outra dificuldade é o ambiente de algumas escolas: excesso de alunos em sala de aula, diferença de idade entre alunos da mesma série, alunos repetentes e desmotivados.

Os Professores questionados têm clareza sobre as regras das escolas pesquisadas, mas pairam dúvidas sobre o Plano Político Pedagógico, sendo que as decisões sobre os assuntos da indisciplina, normalmente passam pelo crivo da direção e do professor da classe em que o aluno frequenta. Raramente e por problemas relevantes reúnem-se com o Conselho Escolar.

Na observação dos Conselhos de Classe constatou-se que os professores estão literalmente angustiados e sem rumo sobre as questões disciplinares deixando transparecer muito nervosismo quando do relato de indisciplina, comprovando a dificuldade que os mesmos têm diante de situações conflitantes. Os pais, participantes dos Conselhos de Classe, demonstraram reações diferentes: na rede municipal não houve interferência dos pais, por serem oriundos de comunidades muito pobres e muito humildes. Na rede estadual, onde há uma homogeneidade de classes sociais, os pais que participaram do Conselho de Classe foram muito participativos, discutindo e sugerindo sobre todos os assuntos; já os alunos, líderes de turma, nas duas redes, não tiveram uma manifestação expressiva, não passando de meros expectadores.

Para Gadoti (2000), a autonomia e a participação, pressupostos do Projeto Político-Pedagógico da escola, não se limitam à mera declaração de princípios consignados em algum documento. Sua presença precisa ser sentida no Conselho de Escola ou Colegiado, mas também na escolha do livro didático, no planejamento de ensino, na organização de eventos culturais, de atividades cívicas, esportivas, recreativas. Segundo Gadoti (2000, p.38), "Cidadania é essencialmente consciência

de direitos e deveres é exercício da democracia. Não há cidadania sem democracia”.

Segundo Savater (1998), a junção de esforços entre família e escola seria a forma de se tentar reverter parte dos conflitos que ocorre no ambiente escolar. O vínculo entre família e escola faz-se mister na medida em que as decisões sobre o manejo das dificuldades do aluno poderiam ser conjuntas entre pais e professores.

De acordo com os professores entrevistados, a solução para a indisciplina em sala de aula seria o acompanhamento permanente da família, através da coordenação pedagógica, da assistência social e do serviço psicológico, associado a um trabalho unificado com o corpo docente, direção e funcionários, com regras claras e decididas por toda a comunidade escolar.

4.1.2 Opinião dos Pais

De acordo com a análise das entrevistas e questionários distribuídos para os pais, dez responderam que não costumam frequentar a escola dos filhos por falta de tempo e por entender que a escola é a instituição que os substitui na sua ausência, dando credibilidade para que os professores ajam em seus nomes. A maioria dos pais responderam que os filhos relatam em casa os acontecimentos relativos à escola, apenas quatro pais responderam que seus filhos nunca relataram sobre assuntos da escola. Um dado alarmante foi de que, quase a totalidade dos pais, responderam que não conseguem impor limites aos filhos e tem muitas dificuldades no cumprimento das normas estabelecidas pela família; outro dado importante foi a constituição do grupo familiar: pais separados, mães solteiras, filhos adotados num somatório de 40% dos entrevistados. Nos casos de indisciplina com os filhos na escola, os pais responderam, quase que na totalidade, que dão respaldo aos professores e direção por entenderem que a autoridade está na escola.

Segundo La Taille(1994, p.9):

Crianças precisam sim aderir as regras (implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social - a família, a escola, a sociedade como um todo.

A sugestão dos Pais para resolver os casos de indisciplina em sala de aula seria o da “punição” através da retirada dos benefícios que os alunos possam ter na escola como: notas de disciplina, jogos, prática de educação física, suspensão em casos graves. Sempre após a comunicação à família e a oitiva da Direção, Coordenação Pedagógica, Serviço de Orientação Educacional e do Psicólogo, preservando o aluno da exposição indiscriminada, evitando o constrangimento dos alunos envolvidos. Tais cuidados são necessário para que a ação não tenha efeito contrário e os alunos não se revoltem causando uma indisciplina ainda maior.

4.1.3 Opinião dos Alunos

Os alunos entrevistados responderam que gostam de suas escolas e que têm bom relacionamento com os professores não gostando, porém, de algumas disciplinas como: Português e Matemática, dando preferência para Educação Física e Arte. Os alunos relataram que conhecem as regras da escola mas que os Professores não costumam falar sobre elas, apenas algumas vezes o Diretor passa nas salas de aula para falar sobre o assunto.

Quando questionados se são indisciplinados, a maioria respondeu não, que a maior causa da indisciplina em sala de aula são os “apelidos” e as aulas muito “chatas”, que os professores não costumam elaborar aulas diferenciadas, muitas cópias e trabalho no livro didático.

Sobre isso, Assmann (2000, p.29) afirma “reencantar a educação significa colocar a ênfase numa visão de ação educativa como ensejamento e produção de experiências e aprendizagens”.

A maioria dos Alunos entrevistados, ainda, respondeu que gostaria de ter aulas nos laboratórios de informática com maior frequência e aulas sobre assuntos atuais com Professores alegres e brincalhões, pois os Professores, para eles, são muito enérgicos e parecem cansados.

Nesse sentido Freire e Shor (1987), enfatizam que “o educador deve estabelecer uma relação dialógica com seu aluno e abrir espaços livres para que participe, pois é impossível ensinar participação sem participação”.

Para os Alunos a solução da indisciplina seria a punição dos infratores e aulas mais “legais”, sem muita cobrança de temas e estudos, aulas práticas e viagens de estudo.

4.2 Causas e consequências da indisciplina em sala de aula

De acordo com a pesquisa realizada nas escolas municipais, estaduais e particular do município de Nonoai/RS, as principais causas da indisciplina em sala de aula são: a ausência dos pais na escola, bullying, falta de limites dos filhos em casa e na escola, desestruturação familiar, salas superlotadas e aulas rotineiras.

As consequências da indisciplina em sala de aula, no município de Nonoai (RS) são: a desmotivação para o estudo, baixo índice de aprendizagem comprovado pela média do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2009. A referida média do IDEB das escolas municipais de Nonoai (RS) no ano de 2009 foi de 4,4 para a 4ª série ou 5º ano e de 3,4 para a 8ª série ou 9º ano.

Assistindo aos Conselhos de Classe das escolas pesquisadas, observou-se que dentre as consequências da indisciplina pode-se destacar o baixo aproveitamento do aluno em relação à aquisição de conhecimentos, a exclusão gerada a partir do descontentamento com os colegas, a desordem em sala de aula, o desestímulo do professor e agravo dos problemas familiares.

Na reportagem do Diário Catarinense de 30 de maio de 2011, na p.22 está o relato da professora Amanda Gurgel, que sacudiu o Brasil com um discurso sobre a precariedade na Educação do Rio Grande do Norte no dia D, da greve dos docentes de Santa Catarina:

Estamos aceitando a condição precária da educação como fatalidade! Estão me colocando em uma sala de aula com giz e um quadro para salvar o Brasil? É isso? Salas de aula superlotadas, com alunos entrando a cada momento com uma carteira na cabeça porque não tem nas salas! Sou eu a redentora do Brasil? Não posso, não tenho condições, muito menos com o salário que recebo.

Vasconcelos (2001), expõe que só se alcança a disciplina através do trabalho responsável do coletivo da escola. Que a maioria das escolas se fixam num trabalho segmentado e individual. Há, portanto, uma necessidade de um trabalho coletivo, onde cada um tenha sua parcela de participação e comprometimento. O aluno se vê em sala de aula, desmotivado e obrigado por questões legais, muitas vezes, sem entender o porquê dessa obrigatoriedade sendo causa de insatisfação, desinteresse e conseqüentemente de indisciplina.

Durante a pesquisa nas escolas do município de Nonoai (RS) observou-se que um dos obstáculos mais frequentes, na hora de usar o mau comportamento a favor da aprendizagem, é uma atitude comum de muitos professores: encarar a indisciplina como agressão pessoal. “Não podemos nos colocar na mesma posição do jovem”, adverte Julio Aquino (1998, p.2). Quando a desordem se instala, diz ele, é fundamental agir com firmeza. Como fazer isso? Não há fórmulas prontas, mas um bom caminho é discutir o caso com os envolvidos e aplicar sanções relacionadas ao ato em questão.

Ademais, a partir da análise das informações verificou-se que os professores com carreira inicial e mais jovens têm maior dificuldade no enfrentamento de situações conflitantes com os alunos, resultando em situações irremediáveis tanto na rede pública como na particular.

Constatou-se, ainda, que os alunos de todas as redes do município, clamam por aulas mais dinâmicas, diferentes, com conteúdos atualizados, através de métodos e tecnologia diferenciados, preferem aulas de Educação Física e Laboratório de Informática, detestam cópias, aulas expositivas e não gostam de ficar muito tempo ouvindo. Verificou-se, também, que muitos professores, especialmente os de final de carreira ministram suas aulas da mesma forma de décadas atrás e que muitos alunos estão, literalmente à frente do professor no campo da informatização e tecnologia, sendo estes, um dos motivos da inquietude dos alunos em sala de aula. Por tudo isso, o Professor deve analisar e procurar entender o mundo do Aluno e interagir através da leitura do contexto atual procurando a promoção do desenvolvimento de competências para a produção de conhecimentos da comunidade escolar.

De acordo com entrevistas com Pais e Professores, ficou claro que a escola não educa só quando educadores escrevem ou falam. A prática cotidiana, os atos do dia-a-dia contribuem para reforçar e superar determinado tipo de sociedade. É necessário que os educadores tenham consciência de sua prática e saibam em que projeto de sociedade ela está inserida. Assim, o aluno aprende quando ele está inserido e se torna sujeito de sua aprendizagem, participando das decisões que dizem respeito ao projeto de sua escola, projeto esse inserido no seu projeto de vida.

Nesse contexto, Freire (1993) ensina que toda a ação educativa deve ser feita no sentido de levar o ser humano a refletir sobre seu papel no mundo e, dessa

forma, ser capaz de mudar este mundo e a si próprio. E acrescenta que “só a ação política na sociedade pode fazer a transformação social”.

Segundo Freire (1996), ainda, a formação do educador tem grande importância, pois a sua postura frente ao mundo tem consequências no processo de formação dos educandos. O educador precisa ter clareza dos valores nos quais acredita e que permeiam a sua ação pedagógica, formando-se assim um sujeito que age, que coopera, que percebe que o outro tem papel fundamental no seu conhecimento, sentindo-se fortalecido para expressar seus posicionamentos.

Uma das causas da indisciplina, segundo Tiba (1996), está na estruturação e organização da família atual. Não há mais um modelo de família, hoje há a inexistência da autoridade, seja em casa, na escola ou na sala de aula. Na maioria das famílias dos alunos tidos como indisciplinados percebe-se o autoritarismo ou a permissividade. O autor complementa ao afirmar que os filhos precisam dos pais para ser educados, alunos precisam dos professores para serem ensinados. Sem educação dada pelos pais a criança não cumpre o seu dever como aluno. O autoritarismo é diferente de autoridade porque este é conquistado, é algo natural, e aquele é imposto, não respeita as características individuais e coletivas, provoca submissão e mal estar.

Segundo Freitas (2009) a realidade constatada em muitas famílias é resultado de processo histórico de desenvolvimento da disciplina dentro das próprias famílias que se arrasta desde os avós até os dias atuais e complementa “por confundi-la com autoritarismo caíram na permissividade”. O pais e professores têm dado muita autonomia para as crianças que não preparadas para as consequências de seus atos.

Diante do exposto, o resultado do trabalho de pesquisa de análise qualitativa veio de encontro com os objetivos propostos, entre eles, identificar como a Gestão Escolar das redes de ensino do município de Nonoai (RS) percebem a indisciplina em sala de aula, analisar as causas e consequências e captar as sugestões dos Diretores, Professores, Pais e Alunos para resolver ou minimizar um dos assuntos mais discutidos e polemizados da educação brasileira: Como a Gestão Escolar deve trabalhar a Indisciplina em sala de aula.

Com a pesquisa, também, foi possível rever algumas deficiências das escolas pesquisadas, através da participação de todos os envolvidos, elaborando normas de comportamento e convivência a serem seguidas e respeitadas, encontros entre Pais,

Alunos e Professores, sendo imprescindível a colaboração dos Pais no processo educacional das crianças, bem como foi apresentado o resultado do trabalho aos Diretores e Professores, com o compromisso de trabalhar de forma colaborada e contínua entre as Escolas, com a participação dos Pais, Alunos e Comunidade Escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela pesquisa realizada nas escolas do município de Nonoai (RS), pode-se constatar que a indisciplina está presente no dia-a-dia das escolas de todas as redes. Sendo que a maioria dos problemas é semelhante: descumprimento das regras, pais ausentes na escola, bullying, métodos ultrapassados de ensino e conteúdos que não combinam com as necessidades de estudantes, bem como Gestores administrativos longe dos problemas das salas de aula, envolvidos especificamente com as questões burocráticas da escola.

Na análise dos questionários, verificou-se que os professores têm dificuldades de detectar as causas da indisciplina e com frequência agem com enfrentamento dos alunos, o que dificulta a resolução das questões disciplinares. Porém se observou uma imensa vontade de solucionar os problemas, achar caminhos e ações pedagógicas que levem a melhorar o relacionamento entre os alunos e professores.

Ao término da análise das informações dessa pesquisa, com a permissão da Direção das Escolas, houve uma reunião com os Pais e Professores, e posteriormente com os alunos para apresentar os resultados da pesquisa, o que foi altamente positivo. Os pais, a maioria ausentes das escolas, ficaram impressionados e motivados para participar, efetivamente, da vida da escola de seus filhos, construindo conjuntamente com o corpo docente e direção algumas normas e procedimentos para as respectivas escolas, fato que resultou em mudanças comportamentais por parte dos alunos e professores, verificada na semana seguinte à reunião. Os alunos por sua vez, em reunião decidiram aderir ao combinado entre os pais e professores, exigindo mudanças nos métodos adotados por professores e participação nas decisões da vida escolar.

Foi sugerido ainda, que as escolas adotassem a técnica da “Cooperação: Trabalhando em Rede”, que consiste em adoção de atitudes e regras iguais para todas as redes de ensino, especialmente nos casos de indisciplina. As Escolas comprometeram-se em envolver os Pais e Alunos em todas as atividades escolares para maior comprometimento e responsabilidades.

Percebeu-se que a incompatibilidade de ideias e ações entre os professores provocam, nos alunos, comportamentos indisciplinados decorrentes do fato de não saberem como agir em função da divergência entre os próprios professores. Neste sentido, sugeriram-se técnicas demonstrativas de eficácia de trabalhos em equipe

para professores, pais, alunos, funcionários e equipe diretiva utilizando a cooperação nas atividades executadas. Os professores perceberam a importância da cooperação em um grupo que visa tarefas em comum, afirmando que as dificuldades e conflitos são malignos, mas reconhece-se que a forma de tratá-los pode repercutir em resultados negativos. A incapacidade em lidar com os conflitos pode refletir na qualidade de ensino, o que foi evidenciado nas escolas que realizamos a pesquisa, por não existir uma equipe de trabalho completa nas escolas pesquisadas.

O trabalho conjunto para alcançar os objetivos traçados e obter resultados positivos inclui-se a família. Nesse sentido, pais e professores representam para os alunos modelos a serem seguidos. Portanto, é possível afirmar que o comportamento dos alunos é reflexo das relações estabelecidas tanto na família como na escola.

As dificuldades referentes à disciplina ou controle da turma conduzem a um elevado desgaste no exercício da função docente, geram percepções que comprometem a imagem profissional que o professor tem de si próprio e que passa aos outros e aparecem como um dos fatores determinantes do *stress* durante a vida funcional.

Sob esse viés conclui-se que o trabalho em equipe é fundamental na Gestão de uma escola, acolhendo-se mutuamente, auxiliando uns aos outros, guiando seu ensino com as mesmas regras. É preciso criar no grupo uma ideia de equipe, valorizando as diferenças individuais para saberem respeitá-las e não fazer disso um espaço para atritos que são vistos pelos alunos.

Nesse contexto as novas exigências que mostram às escolas, conhecer o modo como professores e alunos interpretam e tornam sensata as suas experiências no contexto escolar, poderão colaborar para um melhor entendimento do tipo de relacionamentos estabelecidos e do tipo de ações face às situações apresentadas.

Não se pode concluir um assunto tão vasto como esse, mas deixar a ideia de que há possibilidade de o mesmo ser posteriormente re-avaliado e re-pensado sempre que novas formas de pensar e de estruturar os relacionamentos surgirem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; RUA, M. das G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2003.

ANTUNES, C. **Professor bonzinho = aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002

ANTUNES, C. **Disciplina e indisciplina em sala de aula**. Fascículo 10; Na Sala de Aula. Petrópolis: Vozes. 2002

AQUINO, J.G. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v.24, n.2, July, 1998. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Ago. 2011.

AQUINO, J.G. **Indisciplina na Escola**: alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J.G. **Relação professor-aluno**: uma leitura institucional. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1995.

ARROYO, M.G. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2001.

ASSMAN, H. **Reencantar a Educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOGDAN, R.B.S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Ed., 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. **Caderno 5** – Conselho Escolar, gestão democrática da educação e escolha do diretor. Brasília. Nov. 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. (Lei Darcy Ribeiro) e legislação correlata. São Paulo: EDIPRO.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. 1988.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. **Programa Prossiga. Biblioteca virtual Anísio Teixeira**. Disponível em: <<http://www.prossiga.br/anisoteixeira/index.html>>. Acesso 29/07/2011.

CALDEIRA, S.N.; REGO, I.E. Contributos da Psicologia para o estudo da indisciplina na sala de aula. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v.18, n.1, p76-96, jan./abr. 2001.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPION, J. **O aluno no contexto**. Barcelona: Centro de publicação do Ministério de Educação e Ciência. 1985.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.25-62.

D'ANTOLA, A. **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: E.P.U., 1989.

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1996.

ERICKSON, F. Métodos Qualitativos en la investigación de la enseñanza. In: WITTRICK, M. **Handbook of research on teaching**. New York: Ed. Macmillan Publishing Company, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo Paz e Terra. 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo Paz e Terra. 1993.

FREIRE, P. Prefácio. In: SNYDERS, G. **Alunos felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 1993b.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAG, B. **Educação, estado e sociedade**. 4. ed. rev. São Paulo: Moraes, 1980.

FREITAS, E.M. de. **As consequências da indisciplina escolar no processo ensino aprendizagem.** Universidade Gama Filho. Ceará, 2009.

GADOTI, M; RAMÃO, J.E. **Autonomia da escola:** princípios e propostas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. 7 reimpressão. São Paulo: Atlas, 2006.

GUIMARÃES, Á.M. **Vigilância e punição na escola.** Campinas: Papirus, 1998.

GURGEL, Amanda, **Diário Catarinense,** Florianópolis, 30 mai. 2011, p.22.

LEUCH. M.B. **Comportamentos profissionais docentes frente a comportamentos agressivos dos alunos.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2004.

LOPES, M.C. **Anais do V Simpósio Nacional de Educação da AMZOP,** Frederico Westphalen, p.25-36, 2006.

MACEDO, L. de. Disciplina: Tá Combinado. **Nova Escola.** São Paulo: Ano XX, nº 183, 2005.

MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZI, M. do C.; FREITAS, J.V. de. (Orgs.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental.** Ijuí: UNIJUÍ, 2005, p. 85-114.

NARODOWSKI, M. **Infância y poder:** La conformación de La pedagogia moderna. Buenos Aires: Aique, 1993.

OLIVEIRA, J.F., LIBÂNEO, J.C. A Educação Escolar: sociedade contemporânea. **Revista Fragmentos de Cultura,** Goiânia, v.8, n.3, p.597-612, 1998.

ROMANELLI O. de O. **História da Educação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1990.

RIOS, T.A. **Compreender e ensinar**. Por uma docência da melhor qualidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SANDER, B. Produção do conhecimento em políticas e gestão da educação. **Linhas Críticas**. Brasília, n. 20, 2005.

SANTOS, B. de S. (Org.). **Democratizar a democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

SAVATER, F. **O Valor de Educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

SILVA, N.P. **Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas**. São Paulo: Edição própria, 2003.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

SNYDERS, G. **Alegria na Escola**. São Paulo: Manole, 1988.

SPOSITO, M. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p.87-103, 2001.

SOUZA, A.L.A. **A indisciplina na escola**, publicado 5/03/2009 por Ana Lourdes Araújo de Souza. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em: 14 abr. 2011.

TAILLE, Y. L. Uma interpretação psicológica dos “limites” do domínio moral: os sentidos da restrição e da superação. **Educar**. Curitiba, n.19, p.23-37, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TORRES, R.M. **Melhorar a qualidade da educação básica?** As estratégias do Banco Mundial. O Banco mundial e as políticas educativas. São Paulo: Cortez, 1996.

VAN DER HORST, C.; NARODOWSKI, M. Orden y disciplina son El alma de La escuela. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.24, n.1, p.91-113, jan./jun, 1999.

VASCONCELOS, C. dos S. **Disciplina**. São Paulo: Libertad, 2001.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Roteiro respondido por Diretores e Professores das Escolas das redes de ensino municipal, estadual e particular de Nonoai/RS

- 1- Na sua concepção o que entende por indisciplina?
- 2- Como você percebe os problemas de indisciplina em sala de aula? Que problema são estes?
- 3- A indisciplina apontada na resposta anterior é de forma individual ou coletiva?
- 4- Diante a sua experiência com a turma, quais são as causas mais freqüentes da indisciplina apontada e que conseqüências as mesmas trazem na gestão escolar?
- 5- Quais são as dificuldades enfrentadas pela falta da disciplina na sua escola? Que sugestões você dá para evitar a indisciplina na escola?
- 6- O ambiente escolar favorece a indisciplina. Se a resposta for positiva indique o porquê.
- 7- Você como professor gestor costuma aceitar e cumprir as regras elaboradas no PPP ?
- 8- Você costuma se reunir com colegas, direção, coordenação pedagógica para discutir e elaborar soluções para problemas disciplinares?

APÊNDICE 2 – Roteiro respondido por alunos do 5º ao 9º ano das Escolas das redes de ensino municipal, estadual e particular de Nonoai/RS

1- Você gosta de sua Escola?

2- Como é o seu relacionamento com colegas e professores?

3-Você costuma respeitar as regras da escola?

4-Você conhece todas as regras de sua escola?

5-Os professores costumam falar sobre indisciplina e as consequência das mesmas em sala de aula?

6-Você, particularmente, tem problemas disciplinares em sua escola? Que problemas são estes?

7- Quais são os motivos que levam os alunos a serem indisciplinados em sua escola?

8- Como você vê a forma de como são ministradas as aulas, nas mais diferentes disciplinas?

9- Seus professores costumam ministrar aulas com métodos diferenciados?

10 – Você gosta de estudar? Se a resposta for negativa, diga o porquê?

APÊNDICE 3 – Roteiro respondido por pais de alunos do 5º ao 9º ano das Escolas das redes de ensino municipal, estadual e particular de Nonoai/RS

- 1- Você costuma frequentar a escola de seu filho, participa de reuniões e conversa com os professores sobre as atitudes de seu filho em sala de aula?
- 2- Seu filho relata sobre os acontecimentos na escola ou você não conversa com seu filho sobre esses assuntos?
- 3- Em casa você consegue manter as regras familiares ou tem dificuldades para o cumprimento das mesmas?
- 4- Como é a constituição do seu grupo familiar? (pai, mãe, irmão, avó, avô...)
- 5 - Quando acontecem casos de indisciplina em sala de aula com seu filho, qual é a sua atitude? Procura entender o acontecido? Dá razão sempre para seu filho ou dá razão sempre para o professor?
- 6- A escola de seu filho costuma comunicar os pais, sobre os acontecimentos ocorridos? De que maneira?
- 7- Que sugestão você dá para melhorar a indisciplina em sala de aula na escola de seu filho?

APÊNDICE 4 – Termo de Concessão

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Gestão escolar: a indisciplina em sala de aula

Pesquisadora: Prof^a. Teresinha Salete Sperry
Contato e-mail: vereadorasalete@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Leonardo Germano Krüger
Contato e-mail: leonardogk@gmail.com

Eu _____, RG n. _____, confirmo que fui esclarecido(a) de forma detalhada e sem qualquer constrangimento, sobre as intenções deste trabalho. Autorizo a transcrição e utilização de informações referente as respostas aos questionamentos do roteiro.

Assinatura do(a) entrevistado(a): _____

Telefone: _____ E-mail: _____

Data: ___/___/ 2011

Assinatura da pesquisadora: _____